ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

JORNALISMO DO G1/ACRE: UM ESTUDO SOBRE IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES NA AMAZÔNIA ACREANA

G1/Acre journalism: a study about imaginary and representations in the Acre Amazon

Periodismo G1/Acre: un estudio sobre imaginario y representaciones en la Amazonía acreana

Francielle Maria Modesto Mendes[1]
Karolini de Oliveira[2, 3]

RESUMO

O presente estudo está vinculado ao projeto de pesquisa "Imaginário na Amazônia: um estudo sobre as representações produzidas pelo jornalismo do G1/Acre", cadastrado na Fundação de Amparo à Pesquisa do Acre (FAPAC). O artigo propõe um debate sobre as representações e o imaginário da Amazônia brasileira, enfatizando a região Sul-Ocidental, onde está localizado o Acre. Sabe-se que desde a chegada dos primeiros europeus, a região é observada pela dicotomia inferno/paraíso tropical e sua população é identificada como exótica, pitoresca e primitiva. Diante disso, a proposta de pesquisa é analisar se as narrativas jornalísticas ajudam na manutenção dos pré-conceitos ou se são criadas novas possibilidades de interpretação sobre o Acre. Para propor a reflexão, serão estudados seis textos noticiosos publicados no G1/Acre sobre aspectos da região amazônica acreana. O período de estudo compreende matérias publicadas entre os anos de 2014 a 2016. Faz-se uso de Roger Chartier para estudar representações, autores como Miquel Alsina para

[1] Professora Doutora do Programa de Mestrado em Letras e do curso de Graduação em Jornalismo na Universidade Federal do Acre (UFAC). Graduada em Comunicação Social/Jornalismo e Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestre em Letras (UFAC). E-mail: franciellemodesto@gmail.com.
[2] Estudante de Graduação em Comunicação Social/Jornalismo. E-mail: franciellemodesto@gmail.com.
[3] Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Acre. Programa de Mestrado em Letras. Campus Universitário, Bloco da Pós-Graduação, BR 364, Km 04, Distrito industrial, CEP: 69.920-900, Rio Branco (AC), Brasil

discutir as questões da comunicação e Francisco Foot Hardman, Ana Pizarro, Durval Muniz de Albuquerque Junior, entre outros, que discorrem sobre questões relacionadas à região amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Amazônia acreana; Representações; Imaginário; G1/Acre.

ABSTRACT

The present study is linked to the research project "Imaginário na Amazônia: um estudo sobre as representações produzidas pelo jornalismo do G1/Acre", registered at the Fundação de Amparo à Pesquisa do Acre (FAPAC). The article proposes a debate on the representations and imaginary of the Brazilian Amazon, emphasizing the South-Western region, where Acre is located. It is known that since the arrival of the first Europeans, the region is observed by the dichotomy hell/tropical paradise and its population is identified as exotic, picturesque and primitive. Therefore, the research proposal is to analyze if the journalistic narratives help to maintain the preconceptions or if they are created new possibilities of interpretation on the Acre. In order to propose the reflection, six news articles published in G1/Acre on aspects of the Amazon region of Acre will be studied. The study includes materials published between 2014 and 2016. Roger Chartier is used to study representations, authors such as Miquel Alsina to discuss communication issues and Francisco Foot Hardman, Ana Pizarro, Durval Muniz de Albuquerque Junior, among others, that discuss issues related to the Amazon region.

KEYWORDS: Journalism; Acre Amazon; Representations; Imaginary; G1/Acre.

RESUMEN

Este estudio está vinculado al proyecto de investigación "Imaginário na Amazônia: um estudo sobre as representações produzidas pelo jornalismo do G1/Acre", registrada en la Fundação de Amparo à Pesquisa do Acre (FAPAC). El artículo propone un debate sobre las representaciones y el imaginario de la Amazonía brasileña, con énfasis en la región Sur-Oeste, donde se encuentra el Acre. Se sabe que desde la llegada de los primeros europeos, la región se observa por dicotomía Infierno/paraíso tropical y su población se identifica como exótico, pintoresco y primitivo. Por lo tanto, la investigación propuesta es analizar si las narrativas periodísticas ayudan en el mantenimiento de las ideas preconcebidas o están

creando nuevas posibilidades de interpretación del Acre. Proponer la reflexión, se estudiarán seis noticias publicadas en G1/Acre en los aspectos de la región amazónica de Acre. El período de estudio abarca los artículos publicados entre los años de 2014 a 2016. Se hace uso de Roger Chartier para estudiar las representaciones, autores como Miquel Alsina para discutir temas de comunicación y Francisco Foot Hardman, Ana Pizarro, Durval Muniz de Albuquerque Junior, entre otros, que tratan temas relacionados con la región amazónica.

PALABRAS CLAVE: Periodismo; Amazonía acreana; Representaciones; Imaginario; G1/Acre.

Recebido em: 28.03.2017. Aceito em: 17.04.2017. Publicado em: 30.04.2017.

O presente estudo contém alguns apontamentos sobre a construção do imaginário da Amazônia brasileira, especificamente, no que se refere ao Acre. Constata-se em muitas narrativas literárias, históricas e nos meios de comunicação a limitação de se pensar a Amazônia a partir unicamente de uma figura essencializada, como no caso das imagens da floresta e dos povos indígenas, por exemplo. De acordo com o pensamento de João de Jesus Paes Loureiro (1995), a Amazônia sempre se apresentou como um manto de mistério, distância e intemporalidade.

O objetivo deste artigo é estudar sobre esses conceitos e verificar se eles persistem até a atualidade e se são mantidos pelo jornalismo. O autor afirma ainda que a Amazônia possui uma cultura dinâmica, original e criativa, que cria sua própria realidade. Em outras palavras, essa região possui "uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda" (LOUREIRO, 1995: p.30).

Essa aproximação entre o sujeito da Amazônia e a natureza é responsável por muitos pré-conceitos em relação à população dessa parte do Brasil. Nesse momento, aponta-se essa relação como um dos aspectos influenciadores para que os amazônidas sejam interpretados pelos "estrangeiros" como não civilizados, pitorescos, atrasados e até primitivos.

A região amazônica e seus habitantes são observados a partir de inúmeros estereótipos imagéticos e discursivos. Usam-se desses recursos para caracterizar a Amazônia constantemente como exótica e misteriosa. Segundo Homi K. Bhabha, o "estereótipo é ao mesmo tempo um substituto e uma sombra. Ao aceder às fantasias mais selvagens (no sentido popular da palavra) do colonizador, o Outro estereotipado revela algo da 'fantasia' (enquanto desejo, defesa) daquela posição de dominação" (BHABHA, 2013: p. 140).

Para Durval Muniz de Albuquerque Junior (2012), esse discurso da estereotipia é repetitivo e caricatural. "É uma fala arrogante, de quem se considera superior ou está em posição de hegemonia, uma voz segura e autossuficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras" (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012: p. 13). Dessa forma, anulam-se as multiplicidades e as diferenças individuais em nome de reducionismos.

Conforme o pensamento de Francisco Foot Hardman (2009), a Amazônia é uma construção discursiva e sua representatividade é constituída a partir de um imaginário. Nesse sentido, a região está eivada de lugares-comuns,

relatos e ficções, que validam seu *topos* geográfico como espaço de homogeneização. Ainda de acordo com o pesquisador, isso acontece nos locais onde a "história ainda não conseguiu fixar marcas simbolicamente eficazes, os cenários são descritos como de geografias selvagens, natureza bruta, populações errantes e dispersas" (HARDMAN, 2001: p. 297).

Esses aspectos podem ser percebidos a partir da conformação discursiva presente desde os viajantes conquistadores que chegaram à região amazônica nos séculos XVI e XVII. Por meio de suas crônicas, eles apresentaram um discurso fantasioso e transpuseram para a região amazônica o imaginário europeu. Além deles, os viajantes cientistas também trouxeram o discurso da modernidade e instauraram a dicotomia civilização *versus* barbárie.

Os conceitos sobre a Amazônia são categorizados e estruturados a partir do olhar da narrativa e da temporalidade do colonizador. Ressalta-se que os europeus foram os primeiros viajantes a chegarem à região e que grande parte das impressões mantidas até o tempo presente é proveniente dos cronistas de viagens.

A Amazônia é chamada de 'selva amedrontadora', 'inferno verde', "região isolada", entre outros termos. Dessa forma, as narrativas revestidas de um imaginário e de uma representação conferem à Amazônia um sentido alheio ao tempo efetivo de suas práticas sociais, ou seja, enxerga-se a região amazônica de forma una e homogênea.

Não se pode pensar a região amazônica brasileira de forma linear, suprimindo-se os tempos diferenciados da floresta e da cidade, bem como da gente que ali vive. Durante muito tempo, a história tradicional acompanhada do realismo naturalista tentou 'apagar' as diferenças de espaço de convivência, perdendo-se parte importante dos processos que compõem a formação social, política e econômica das várias Amazônias existentes.

A ideia é caminhar em direção contrária aos que veem as Amazônias como terras uniformes, observando as multiplicidades e divergências de seus povos. Para tanto, propõe-se um estudo de seis matérias jornalísticas publicadas no site *G1/Acre*, no período de 2014 a 2016, com o objetivo de identificar as marcas do imaginário e das representações, são elas: "Isolado em reserva no AC diz não trocar paraíso pelo inferno na cidade", publicado em 14 de fevereiro de 2014; "Cura por meio de reza e plantas medicinais em reserva no AC", de 23 de fevereiro de 2014; "Após Mapinguari gigante, artesão faz Iara e Curupira no jardim de casa", 05 de setembro de 2014; "Chargista lança

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

segunda animação 2D sobre lendas amazônicas no AC", 21 de agosto de 2015; "Filhote de onça criado como gato por família no AC resgatado pela polícia", 19 de fevereiro de 2016; "Jogo online sobre povo Huni Kuin do AC é lançado com download gratuito", 15 de abril de 2016.

As notícias foram coletadas inicialmente para o projeto de pesquisa "Imaginário na Amazônia: um estudo sobre as representações produzidas pelo jornalismo do G1/Acre". Ao todo, foram 65 notícias coletadas a partir de uma pesquisa feita na caixa de busca do próprio site, lançado no ano de 2013. Foram digitadas palavras-chave como: Amazônia, Acre, Floresta, Índios, Animais, Plantas, Mitos, Lendas, Cidade, entre outras. Portanto, o apresentado aqui é recorte de um trabalho maior que está em desenvolvimento.

Imaginário e representações

Para Miquel Rodrigo Alsina (2009), a notícia é uma representação social da realidade cotidiana e que se manifesta na construção de um mundo possível. Ela gera sentido e noção de organização da realidade. De outro modo, ao ler determinada informação, as pessoas passam a atribuir sentido e fazer associações entre o que foi publicado nos meios de comunicação e o acontecido.

No tocante à Amazônia, percebe-se que as informações se concentram em destacar aspectos da fauna e da flora, dando contornos de exotismo ou ainda ressaltar o retrocesso da região e o primitivismo de seus povos. Para Luciana Murari (2009), o exotismo é tão somente a imaginação do diverso como forma alternativa de percepção do mundo, ele não produz uma compreensão exata do objeto, e sim imediata.

Sob essa perspectiva, Alsina (2009) dialoga com o pensamento de Stuart Hall (1981), para explicar que a mídia atende a três funções básicas. Primeiro, ela articula e constrói o conhecimento social. Em segundo lugar, a mídia busca refletir e se ver refletida. E, por fim, ela cumpre o papel de organizar e juntar o que tem sido representado e classificado seletivamente.

A aplicação dessas características pode ser notada na matéria veiculada pelo site *G1/AC*, de 19 de fevereiro de 2016, cuja reportagem intitula-se "Filhote de onça criado como gato por família no AC é resgatado pela polícia":

> Um filhote de onça pintada foi resgatado, nesta quarta-feira (17) pelo Batalhão Ambiental da Polícia Militar. A onça foi achada há três meses por uma família de Mâncio Lima, interior do Acre, às margens de uma estrada, e era criada como um gatinho, segundo a polícia. O animal se trata de um macho de onça pintada. (...) O major explica ainda que a mulher é livre de punição porque

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

> entregou o animal de livre e espontânea vontade. "Ela não teve a intenção de prendê-lo em cativeiro, realmente era tratada como um gatinho da família. Segundo a legislação, quando você entrega voluntariamente se livra de medidas punitivas", diz. (MUNIZ, 2016: online).

No excerto em estudo, percebe-se que a reportagem veiculada pelo *G1/AC* constrói sua narrativa sob o viés do exótico que ajuda na construção/manutenção de estereótipo. O título da matéria propõe um pacto de leitura que se arquiteta sob a premissa de que é comum no estado do Acre que as famílias criem filhotes de onça como gato de estimação. A forma como a narrativa sobre a Amazônia Sul-Ocidental se articula no noticiário pressupõe um imaginário social que engendra os modos de aparecer, de dizer e de conferir sentido para a região.

A narrativa da notícia concentra-se, pois, na apresentação de fatos sobre a Amazônia, de forma essencializada, homogênea, naturalizada, limitando-a a parâmetros de interpretação centrados na conformação imagético-discursiva dos *media*, isto é, na representação de um paradigma sobre os aspectos histórico-sociais do povo amazônida. Como afirma Kathryn Woodward, "é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos" (WOODWARD, 2009: p. 17). Dessa forma, o jornalismo articula representações, constrói, organiza e/ou mantém valores e sentidos.

Retomando as premissas de Hall (1981) sobre as funções básicas da mídia, percebe-se que o site *G1/AC* atua na manutenção do imaginário social sobre a Amazônia acreana por meio da organização do espaço como totalidade vivenciada e inteligível. Nesse sentido, a mídia fornece discursos a partir dos quais são articulados significados, práticas e valores sobre a região.

Na matéria em análise, verifica-se outro atributo da mídia: refletir e se ver refletida. Nesse aspecto, a notícia veiculada localiza, qualifica e classifica os fatos de acordo com um mapa da realidade social. Conforme o pensamento de Alsina (2009), "essas qualificações são avaliativas e normativas. Ou seja, elas determinam quais as realidades que são aceitáveis e quais não o são" (ALSINA, 2009: p. 71). No exemplo em estudo, a mídia categoriza o léxico, o estilo de vida e o discurso sobre a Amazônia Sul-Ocidental, centrando-a sob o viés do exotismo.

O site *G1/AC* exerce a função de estruturar e agrupar o que tem sido representado e classificado seletivamente sobre a região, como, por exemplo, os estereótipos sobre a Amazônia acreana. Em outras palavras, os *media*

estabelecem um consenso e categorizam uma legitimidade representativo-simbólica sobre a espacialidade, sobre os sujeitos e sobre as realidades dessa localidade.

Essas representações permitem a construção de uma uniformidade de comportamento a respeito da Amazônia brasileira que não corresponde às variedades de condutas vigentes. Quem discute esse conceito é Roger Chartier (1991) ao afirmar que as representações fazem ver as ausências, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado. Ela é perturbada pela fraqueza da imaginação, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Para Woodward:

> A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2009: p. 17).

Os sujeitos da Amazônia acreana são muito mais complexos do que as imagens e os significados produzidos pelas notícias publicadas no *G1/AC*. De acordo com Sandra Pesavento (1995), o imaginário é sistema produtor de ideias e imagens, é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente. O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e "significado, jogo de espelho onde o 'verdadeiro' e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber". (PESAVENTO, 1995: p. 24).

No livro *Olhos de Madeira* (2001), Carlo Ginzburg traz um ensaio sobre a origem da palavra representação. A origem do termo remonta ao século XIII, chamando-se *représentation* aos manequins de cera exibidos junto ao cadáver dos reis franceses e ingleses durante as cerimônias funerárias. Enquanto o soberano era velado, a presença do manequim era um testemunho à transcendência do rei e a sua presença futura do mundo dos mortos. O manequim tinha a função de lembrar aos presentes que o rei havia assumido outra forma e nessa nova forma, o rei continuaria presente para seus súditos.

Assim, desde sua origem a palavra representação está associada a uma forma abstrata de descrição do mundo. O uso do manequim como representação do soberano morto é apenas um exemplo do problema mais geral da construção de abstrações que descrevem o mundo. Por outro lado, "a representação faz as vezes da realidade representada e, portanto,

evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença" (GINZBURG, 2001: p. 85).

A representação envolve uma relação ambígua entre a 'ausência' e a 'presença'. No caso, a representação é a presentificação de um ausente. Um dos sentidos de representar é falar em nome do outro, colocar-se no lugar de outro distante no espaço e no tempo, estabelecendo relações. As representações do mundo social não se medem por critérios de veracidade ou autenticidade, mas sim pela capacidade de mobilização e credibilidade.

O texto intitulado "Isolado em reserva no AC diz não trocar paraíso pelo inferno da cidade", publicado em 14 de fevereiro de 2014, no *G1/AC*, é um exemplo de que ainda se representa a Amazônia brasileira e acreana sob a égide da dicotomia inferno/paraíso. A partir da leitura do título e do *lead*, percebe-se isso:

> 'Deus me defenda! Como é que eu vou trocar o paraíso pelo inferno?', diz, quase ofendido, o seringueiro Francisco Lima, de 65 anos, ao ser indagado sobre a possibilidade de viver na 'cidade grande'. O 'paraíso' a que se refere seu Chiquinho Gabarito, como é conhecido na comunidade onde vive, fica no interior do Acre, às margens do igarapé Santo Antônio, afluente do rio Caeté, na Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema, no município de Sena Madureira (AC), distante 136 km de Rio Branco (NATANI, 2014ª: online).

Notícias como a citada anteriormente mantêm a região amazônica rodeada pelo encantamento da floresta, uma espécie de magia que sustenta os moradores das comunidades tradicionais, reservas extrativistas, entre outras, afastados das cidades. A definição de Pizarro (2012), que diz ser a selva um centro mítico de construção do imaginário, ajuda-nos a compreender o porquê do jornalista, por vezes, optar por esse enquadramento da notícia.

O mesmo acontece na notícia "Homem cura por meio de reza e plantas medicinais em reservas no AC", publicado em 23 de fevereiro de 2014, no mesmo site. Na ausência de médicos e postos de saúde, os moradores da Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema contam com os conhecimentos naturais de um curandeiro, o que comprova a existência do misticismo na região.

> E o dom de seu Léo favorece a todos na comunidade, que é isolada. O único posto de saúde existente no Núcleo do Cazumbá, onde moram 40 famílias, entre elas a do idoso, não funciona. Para chegar até a área urbana de Sena Madureira em busca de atendimento médico, é preciso enfrentar duas horas de viagem de voadeira [barco a motor muito veloz] pelo rio Caeté (NATANI, 2014b: online).

A jornalista optou por discutir o curandeirismo na reserva extrativista em

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

vez de questionar o porquê da ausência de médicos e remédios no posto de saúde da localidade. O enquadramento, provavelmente, deve-se ao fato de que hábitos considerados rústicos e diferentes podem atrair mais a atenção do público leitor do que a denúncia de ausência de saúde pública adequada.

Nesse universo 'encantado' de crenças na floresta e plantas milagrosas, existem ainda figuras ligadas à água ou à selva, que se recriam e se transformam permanentemente no imaginário popular, são elas que explicam e dão sentido a sua relação com a natureza e com os demais seres humanos. Para exemplificar essa relação, o *G1/AC* publicou em 5 de setembro de 2014 a matéria "Após Mapinguari gigante, artesão faz Iara e Curupira no jardim de casa":

> Eu sempre fui muito ligado à história da Amazônia, principalmente nas lendas. Porque eu morei em um local próximo à floresta e alguns moradores indígenas, pescadores e seringueiros contavam essas histórias para a gente. E eu, já com 14 anos, rabiscava como eu pensava ser essas criaturas. Eu fui crescendo com a vontade de tornar essas imagens em tamanhos reais para que pudessem servir de lazer e conhecimento também, destaca (MUNIZ, 2014: online).

Os mitos e as lendas seguem presentes na narrativa jornalística mesmo no século XXI e, junto a eles, o texto menciona outra prática considerada símbolo da tradição e da preservação do passado, o artesanato. É como se a região amazônica brasileira tivesse constantemente relacionada a práticas não modernas se contrapondo diretamente aos estados do sul e sudeste do Brasil, que atuam como signos do progresso e do desenvolvimento.

Nas palavras de Stuart Hall (2006), os mitos moldam os imaginários, influenciam nossas ações, conferem significados às vidas e dão sentido a história. De acordo com a pesquisadora Laélia Silva, "a linguagem denuncia que qualquer olhar sobre essa terra está contaminado pelos mitos e lendas que se incorporam à invenção do *paraíso* e do *inferno verde*". (SILVA, 1998: p. 23).

Em contrapartida a essa ideia de atraso, foi selecionado o texto "Chargista lança segunda animação 2D sobre lendas amazônicas no AC", em 21 de agosto de 2015, para que se possa analisar de que maneira modernidade e tradição se relacionam neste veículo. A notícia evidencia o quanto as lendas e os mitos fazem parte das representações e do imaginário social da região, mas também ressalta que a tecnologia pode se unir a personagens folclóricos e ressignificar a ideia sobre o Mapinguari, o Curupira e o Boto: "Além do lançamento da sua segunda animação, o artista já publicou três livros: "Mapinguari, a Lenda", "Abelardo e o Curupira" e "Clarinha e o Boto", todos com a temática focada nas

lendas da Amazônia." (G1/AC, 2015: online).

Outro assunto recorrente na Amazônia acreana é o que se refere aos povos indígenas. Eles são constantemente citados nos meios de comunicação como sinônimo de primitivismo, incômodo, atraso e ameaça. No dizer de Márcio Souza (2015), esse aspecto é fruto da desconstrução, por parte dos indígenas, do sentido de cultura criado pelos ocidentais:

> Os povos indígenas são ameaçadores, da perspectiva do pensamento etnocentrista, não apenas porque estão no caminho do progresso, ocupando terras ricas em minerais ou por impedirem a expansão da frente econômica, mas porque eles desmontaram a velha descrição da cultura como algo exclusivo ao Ocidente e não inerente à natureza humana, o que obrigou a entender a variedade de outros num relativismo bastante vasto do ponto de vista histórico e antropológico (SOUZA, 2015: p. 18).

Todavia, os povos indígenas estão conseguindo apresentar de algum modo os seus aspectos culturais, lutar pelos seus direitos e questionar políticos e autoridades que sempre os tiveram como inferiores. A prova disso é a matéria "Jogo online sobre povo Huni Kuin do AC é lançado com download gratuito", publicada em 15 de abril de 2016. O texto fala sobre um antropólogo que criou um jogo online inspirado nas lendas de uma tribo acreana.

> Guilherme ressalta que o jogo é dedicado a dar visibilidade para a cultura indígena, que segundo ele, é desconhecida pela maioria dos brasileiros. Ele diz ainda que busca mudar a visão desrrespeitosa (sic) e preconceituosa que ainda existe sobre os povos tradicionais (G1/AC, 2016: online).

Novamente, o jornalismo organiza e junta os temas que têm sido representados com mais frequência sobre a Amazônia acreana e classifica de acordo com seus interesses. Nesse processo de classificação, os indígenas aparecem junto com mitos, lendas, fauna e flora, todos interligados como se fossem coisa una e homogênea. Todavia, ressalta-se que os dois últimos exemplos relacionam povos indígenas a tecnologia (jogo online e animação). Nesse aspecto, (re)afirma-se o pensamento de Hall (1981) quando ele diz que a mídia não só articula informações já existentes, mas também constrói outras relações.

Dos seis textos estudados, quatro conservam ideias já disseminadas sobre a região amazônica brasileira. Mas dois apresentam relações que podem ser consideradas como novas. Diante disso, discute-se que a tarefa do jornalista, bem como dos demais narradores e/ou formadores de opinião, é (re)construir representações a partir das que já estão dadas. Porém, Alsina (2009) ressalta que elas podem mudar de acordo com as circunstâncias de cada momento e da

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

perspectiva dos observadores. Dessa forma, as narrativas não têm somente a tarefa de repensar o passado, mas precisam também oferecer novas leituras e novas perspectivas que evidenciem as multiplicidades culturais, sociais e históricas de um povo.

Considerações finais

O presente artigo discute sobre de que modo o *G1/Acre* cria representações sobre a Amazônia acreana. Diante disso, pensa-se sobre a necessidade do jornalismo modificar alguns conceitos e inserir novas perspectivas sobre essa localidade. Ele deve se distanciar dos processos de homogeneização, dos estereótipos, do conceito de exotismo e da dicotomia limitadora inferno verde/paraíso tropical.

A Amazônia deve ser pensada como espaço onde se produz cultura, linguagem, pensamento, pois essa porção de terra não é só distante, desconhecida e inspiração para criação de lendas, contos e romances. Ela é, sobretudo, espaço de pluralidades culturais, de formas de resistência e multiplicidades.

Do corpus analisado (seis textos), percebe-se que o discurso tradicional que afirma ser a Amazônia uma região onde impera atraso, degeneração e passividade se entrecruza com fiapos de ideias de modernidade relacionadas aos povos indígenas mencionados em dois textos analisados: "Jogo online sobre povo Huni Kuin do AC é lançado com download gratuito" e "Chargista lança segunda animação 2D sobre lendas amazônicas no AC".

Diante do exposto, espera-se uma mudança contínua no jornalismo na forma de narrar a Amazônia, suas culturas e suas gentes. Mas sabe-se que isso só será possível quando a região for desmistificada pelos seus próprios habitantes, observada sem os antolhos da hostilidade ou o manto de mistério, o que não constitui uma tarefa fácil, porque persistem até hoje representações uniformes sobre a região que começou a ser oficialmente narrada nos séculos XVI e XVII.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de**. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar:** as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, UFMG, 2013.

Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação
ISSN nº 2526-8031 Vol. 1, n. 1, Jan-Abr. 2017

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.5, n.11, p.173-191, Abril. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso. Acessado em 3 de junho 2016.

G1 AC. **Jogo online sobre povo Huni Kuin do AC é lançado com download gratuito.** 2016. Disponível em: http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/04/jogo-online-sobre-povo-huni-kuin-do-ac-e-lancado-com-download-gratuito.html. Acessado em: 28 de fevereiro de 2017.

G1 AC. **Chargista lança segunda animação 2D sobre lendas amazônicas no AC.** 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2015/08/chargista-lanca-segunda-animacao-2d-sobre-lendas-amazonicas-no-ac.html. Acessado em: 28 de fevereiro de 2017.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

__________. La cultura, los medios de comunicación y el efecto ideológico. In: CURRAN, J. et al. (Orgs.). **Sociedad y comunicación de masas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: **A Brasilidade Modernista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

___________. **A invenção da Hileia:** Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

MUNIZ, Tácita. **Filhote de onça criado como gato por família no AC é resgatado pela polícia**. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/02/filhote-de-onca-criado-como-gato-por-familia-no-ac-e-resgatado-pela-policia.html>. Acessado em: 19 de Fevereiro de 2016.

MUNIZ, Tácita. **Após Mapinguari gigante, artesão faz Iara e Curupira no jardim de casa.** 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014

/09/apos-mapinguari-gigante-artesao-faz-iara-e-curupira-no-jardim-de-casa.html. Acessado em: 28 de fevereiro de 2016.

MURARI, Luciana. **Natureza e Cultura no Brasil (1870-1922).** São Paulo: Alameda, 2009.

NATANI, Rayssa. **Isolado em reserva no AC diz não trocar paraíso pelo inferno da cidade.** 2014a. Disponível em: http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/12/em-ato-na-cobertura-do-congresso-indios-pedem-saida-de-cunha.html. Acessado em: 17 de Fevereiro de 2017.

NATANI, Rayssa. **Homem cura por meio de reza e plantas medicinais em reserva no AC**. 2014b. Disponível em: http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/02/homem-cura-por-meio-de-reza-e-plantas-medicinais-em-reserva-no-ac.html. Acessado em: 28 de fevereiro de 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de outra história**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.15, nº 29, 1995.

PIZARRO, Ana. **Amazônia:** as vozes do rio. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA, Márcio. **Amazônia indígena**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.